



HELENA VALENTE/ASF

Jéssica Augusto já está no Japão, para poder adaptar-se à diferença horária antes de competir



«O 'top' 5 é possível»

Jéssica Augusto viajou ontem para o Japão ◉ Regressa à maratona no próximo domingo, entre mulheres, em Yokohama ◉ Recorde pessoal não é objetivo mas deseja boa classificação

ATLETISMO

por
SOFIA COELHO

JÉSSICA AUGUSTO regressa aos 42 km no próximo domingo, na maratona feminina de Yokohama, após meses de várias mudanças. Desde que desistiu na prova de Londres, em abril, devido a dores musculares — e após início de época com lesão num pé —, a atleta de 32 anos abdicou dos Mundiais de Moscovo, em agosto, o mesmo mês em que deixou de treinar-se com João Campos, anunciando António Nogueira da Costa como novo técnico em setembro. Também a preparação para esta maratona japonesa foi diferente das anteriores: pela primeira vez esteve em altitude, em Navacerrada, perto de Madrid.

«Já tinha feito estágios em altitude, mas nunca integrando a preparação para uma maratona. Correu dentro do normal, estou com boas sensações», garantiu Jéssica, antes de viajar, ontem de manhã, de forma a ter alguns dias de adaptação ao novo fuso horário (mais 9 horas do que em Lisboa). «Quis viajar cedo por causa disso. Já tive experiências diferentes a Oriente: o Mundial de crosse de Fukuoka

[2006] correu muito mal [desistiu] — julgo que viajámos tarde, o que não permitiu a adaptação ideal —, enquanto no Mundial de Osaka [2007] fui finalista [15.ª nos 5000 m]. Estou confiante que esta semana será suficiente para entrar no horário japonês», contou, rindo, a atleta que obteve o 7.º lugar na maratona dos Jogos Olímpicos Londres-2012 (2.25,11 h), na mesma cidade em que se estreara na distância, em 2011, com o recorde pessoal que ainda mantém (2.24,33 h), sendo 8.ª. Classificação que repetiu em 2012, quatro meses antes dos Jogos, registando 2.24,59 —

participou ainda na maratona de Nova Iorque em 2011, desistindo.

Agora, em Yokohama, correrá pela classificação, mais do que pela marca. «O primeiro objetivo é, obviamente, terminar a prova. Depois, o mais importante será o lugar final. É uma maratona com menos estrelas do que a de Londres e gostava muito de terminar no top 5. Penso que não é impossível», considerou Jéssica, que, devido à mudança de treinador, terá perdido «duas ou três semanas de treino». «Não posso dizer que vou correr para recorde pessoal. É difícil. Seria muito bom fazer à vol-

ta das 2.25,30 ou 2.26 horas... Mas tudo dependerá da primeira parte da prova. Não me preparei como desejaria devido ao tempo em que estive sem treinador, mas desde o dia em que comecei a trabalhar com o Tozé [Nogueira da Costa] fizemos tudo o que foi possível... E que não foi mau», garantiu.

Em Yokohama estará numa prova apenas destinada a mulheres, algo que não a assusta. «É engraçado. E será igual a todas as maratonas em que participei. Nunca estive em nenhuma em que pudesse ter a companhia de um atleta masculino para ajudar.»

Concentrada na maratona, voltará a Londres

A capital britânica tem sido palco para os sucessos de Jéssica Augusto na maratona: aí se estreou na distância, em 2011, registou recorde pessoal e também o 7.º lugar nos Jogos Olímpicos de 2012.

Em abril de 2014, voltará a estar entre as várias estrelas que sempre abrilhantam a prova de Londres, onde já foi 8.ª por duas vezes. «Vou concentrar-me na maratona. Não penso fazer outras provas ou apostar no Europeu de crosse», descartou a atleta, campeã europeia no corta-mato em 2010, depois de já ter



Jéssica foi 7.ª nos Jogos Olímpicos de 2012

conquistado a prata em 2008 e outro ouro, mas em juniores, em 2000.

«Já não tenho 25 anos e sei que tenho de focar-me em algo, neste caso, na maratona, que será também a minha aposta nos Europeus do próximo verão», disse, lamentando a ausência nos Mundiais deste ano, após a desistência nos 42 km de Londres, em abril. Jéssica detém ainda medalhas na pista, entre as quais a prata nos 10.000 m e o bronze nos 5000 m dos Europeus de 2010, distâncias às quais não tenciona voltar.

Marchadoras em 2.º na China

→ Portugueses iniciaram prova por etapas, com direito a camisola amarela como no Tour

ALEXANDRE PONA/ASF



Inês Henriques foi 3.ª nos 20 km

Inês Henriques foi ontem a melhor entre as marchadoras portuguesas que aceitaram o convite da federação chinesa — por estarem no top 100 mundial — para participarem numa inédita prova por etapas, em redor do Lago Taihu, ao estilo da Volta à França em ciclismo... E na qual os líderes também têm direito a usar a camisola amarela. Na primeira das quatro etapas, em Suzhou, com 20 km — as restantes têm 15 km cada —, Inês foi 3.ª, Vera Santos 4.ª e Ana Cabecinha (recordista nacional e 8.ª nos Mundiais deste ano, em agosto) 17.ª, pontuando para o 2.º lugar feminino, atrás de um coletivo chinês. Devido a imposição da organização, que apenas autorizou equipas com três elementos, Susana Feitor, 14.ª, acabou por juntar-se a duas marchadoras estrangeiras e não contribuiu, assim, para a Seleção portuguesa. Numa fase em que a época ainda está a começar para a maioria dos marchadores, esta prova, que oferece prémios aliciantes — no final das quatro etapas, a equipa vencedora recebe 20.000 dólares (15.000 euros), enquanto o melhor homem e a melhor mulher somam 10.000 cada (7.500 euros) — tem como objetivo projetar o turismo no Lago Taihu e os vários resorts que aí estão a ser construídos, à semelhança do que aconteceu na última semana, com a realização de uma prova de ciclismo no mesmo local — que teve a participação da formação algarvia Banco Bic-Carmin. Foi impossível obter os resultados exatos do primeiro dia da competição, no qual os vencedores individuais foram dois marchadores chineses — o acesso às redes sociais está proibido e a Internet não está acessível em todos os locais. Em masculinos, Sérgio Vieira foi o melhor da equipa lusa, em 17.º, e Miguel Carvalho foi 57.º — o coletivo fica completo com Dionísio Ventura, uma vez que João Vieira, 4.º nos Mundiais de Moscovo, em agosto, está a competir por outra equipa.

mais Atletismo

→ **'DOPING'**. Paul Wright, um dos mais experientes médicos jamaicanos do controlo anti-doping, considera que os recentes casos positivos — como o de Asafa Powell — são apenas a ponta do iceberg. Diz que as técnicas usadas no país estão longe de cumprir os requisitos